

**LETRAMENTOS POSSÍVEIS:
DO LETRAMENTO DO ALUNO
AO LETRAMENTO DO PROFESSOR
– QUAL É O MAIS URGENTE?**

Carmem Praxedes (UERJ)

clpraxedes@yahoo.it

INTRODUÇÃO

Primeiramente, precisamos esclarecer qual é a definição de letramento com que iremos fundamentar o nosso trabalho. Em meio às diversas possibilidades de compreensão do termo, no contexto deste trabalho, ele deve ser entendido como o preconizado por Soares (2003) e revisto por Rojo (2008, p. 26), ou seja; letramento é algo bastante complexo, sócio-historicamente determinado, que envolve capacidades múltiplas e variadas tanto de leitura como as de escrita. Neste sentido, letrado é aquele ser constantemente capaz de acionar os dados da realidade em busca de significações constantes nos diversos textos que compõem o mundo em que vivemos. Para isto, não há determinação de ofício, de situação social, de gênero ou idade. Todavia, a complexidade de ações e interações que os processos de letramento engendram torna a plenitude do letramento um projeto ir-realizável, algo de tamanho espectro como afirmar que se detém todo o conhecimento da humanidade e se é capaz de acioná-lo, nas mais diversas situações, o tempo todo.

Embora seja, por um lado, bastante desanimadora tal perspectiva de letramento, ela é também muito desafiadora, pois nos impõe um processo de aprendizagem constante.

Neste sentido, a questão que se apresenta é perceber de qual letramento necessitamos e quando devemos desenvolvê-lo ou aprimorá-lo. Para isto, devemos levar em conta tanto as nossas necessidades mais urgentes, quanto aquelas que podem esperar por um período maior para serem atendidas. Urge lembrar que somos seres extremamente seletivos e, por isso, recortamos o que queremos ouvir e ver sempre que isto nos é possível. Vejam o que nos diz Calvino (1994, p. 10)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Prestar atenção em um aspecto faz com que este salte para o primeiro plano, invadindo o quadro, como em certos desenhos diante dos quais basta fecharmos os olhos e ao reabri-los a perspectiva já mudou. Além do mais nesse entrecruzar-se de cristas diversamente orientadas o desenho de conjunto se torna fragmentado em espaços quadrados que afloram e se desvanecem. Acresce que o refluxo de cada onda também possui uma força que se opõe às ondas supervenientes. E se concentrarmos a atenção nesses impulsos retroativos vai nos parecer que o verdadeiro movimento é aquele que parte da praia em direção ao longo.

Neste recorte de Palomar – Palomar na praia – leitura de uma onda – Calvino sinaliza-nos os diversos filtros que usamos para nos relacionar com o mundo repleto de significação, se considerarmos apenas os seus componentes naturais.

Da mesma forma, não há uma necessidade de letramento, mas situações para as quais precisamos nos letrar, ou seja, desenvolver competências e habilidades para ler o mundo, seus ofícios, sensações e emoções. Visto desta maneira, o letramento pode ser entendido como um processo continuado, tanto espontâneo quanto motivado e se insere nas práticas do *long life learning* (<http://www.pde.pr.gov.br/arquivos/file/pdf/pde2008/Katia.ppt#12>), que é Educação durante toda a vida, termo traduzido no Brasil como Educação continuada.

Mas se é compreendido desta forma, o letramento não deveria ser denominado letramentos? Pelo fato de ele ser continuado e quase que infinito?

Com esta visão teríamos o letramento para a informática, para as línguas, para o desenvolvimento de tarefas as mais diversas, cujo vínculo principal, comum às mais diversas atividades, seria a capacidade de ler o mundo, obviamente limitada pelo filtro de cada língua e cultura.

1. Os caminhos institucionais do letramento

1.1. A família

O letramento, entendido como parte do processo educacional, inicia-se na família, quando a mãe, ou aquela/e que ocupe o seu lugar, auxilia o seu filho a ler o mundo, num pacto fiduciário que a autoriza a lhe explicar o significado das coisas, seres e objetos do mun-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

do, investido de seus valores. É na fase pré-escolar que a criança recebe as informações e põe o mundo em xeque, mas ainda de forma bastante natural.

1.2. A escola e seus atores

À escola, enquanto instituição Educacional, ou seja, aquela cujo principal objetivo é preparar para a vida; em que se entende o exercício pleno da cidadania e respeito aos princípios democráticos, a compreensão e aplicabilidade dos conceitos científicos básicos, a formação para o trabalho, é ainda a quem cabe, substancialmente, dar continuidade aos diversos processos de letramentos.

Todavia, qual é o papel do Professor no espaço escolar, enquanto principal ator de letramentos?

É bastante difícil estabelecer o papel do docente sem considerar o contexto situacional em que se insere a Escola no Brasil e de qual escola brasileira estamos falando. Recortes podem ser feitos para delimitação diatópica, diafásica ou diastrática. Todavia, quer seja a escola da Região Sudeste ou Nordeste, desta ou daquela faixa etária ou ainda desta ou daquela classe social, seguramente, os seus docentes irão necessitar de pelo menos dois tipos de letramentos: o da leitura e o da informática, para si mesmos e para os seus alunos. Não casualmente estas são as principais competências e habilidades destacadas na *long life learning* (línguas e informática).³ Por isso, cabe ao professor, enquanto agente de letramentos, ter uma postura a mais tranquila o possível em relação àquilo que ele não saiba, colaborando na identificação das suas necessidades e sendo exemplar para os seus alunos, também no que se refere ao seu próprio letramento.

Do outro lado, mas sem deixar de estar junto, o papel do aluno nos letramentos é de grande destaque, quer seja pelo fato de esse lugar ser um lugar ao mesmo tempo de passagem e permanência obrigatórias para todos nós, quer seja pelo fato de na Educação Básica

³ De fato, o que é destacado na *long life learning* é a importância do saber línguas e dominar as ferramentas básicas da Informática. No texto, entendemos que línguas e leitura estejam necessariamente vinculadas na grande parte das sociedades contemporâneas, muito embora a leitura seja apenas uma das habilidades linguísticas.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

o aluno ser numérica e filosoficamente o ator mais importante⁴. E não poderia deixar de ser, pois professores, e, sobretudo, aqueles que se vêem e se sentem como Educadores trabalham para os estudantes, cujo espaço escolar é o espaço de aprender a viver (MOURRAN, 2008, p. 47-54).

Delimitados o termo e sua revisão (letramento X letramentos), estabelecidos os atores principais (família, professor e aluno), resta-nos buscar os principais gestores institucionais do projeto mais importante de uma nação: o educacional.

1.3. As instituições governamentais

É com o *status* de principal gestor, fiscal e mantenedor que o Governo, ou melhor, os governos (Federal, Estadual e Municipal) têm a eminente missão de desenvolver a Educação no Brasil. Para tanto, ele necessita de parceiros sociais ativos e comprometidos seriamente com a Educação. E isto pode ocorrer com uma maior inserção das Universidades nas Escolas, não só as da Rede Pública de Ensino, mas prioritariamente nesta. Em detrimento da aproximação destas instituições, o que é notável é uma grande ausência de Escolas nas Universidades e de Universidades nas Escolas. Não falamos da escola e da universidade fisicamente em suas edificações, entretanto, apontamos a urgência de convivência entre os atores desta e daquela instituição. Torna-se cega a Universidade que se fecha em si mesma, em teorias e estudos quase secretos, quando a sociedade que a cerca perece de dor e fome de quase tudo. Entendemos, conforme Janotti (1992, p. 22) que a Universidade possui uma função de ligação entre os poderes, à época temporal e espiritual. Na contemporaneidade, a Universidade deveria funcionar como elo não só entre os poderes, mas também entre as instituições e classes sociais, produto e produtoras de poderes. Além disso, é importante destacar que o próprio termo universidade (*universitas*) surge vinculado ao de Escola, ou seja; o *Studium generale*, que, ainda segundo Janotti (*Op. cit.*, p. 23), “ significava, a princípio, não o lugar onde todos os assuntos eram ensinados e sim o lugar onde estudantes de todas as partes eram re-

⁴ Com esta assertiva a autora se posiciona como defensora de teorias que consideram o aluno o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cebidos.” Com o passar do tempo, o termo *Studium generale* passa a ter três características 1- escola que atraía estudantes de todas as partes e não apenas de uma região particular; 2- um lugar de educação superior; 3- os assuntos eram ensinados por um número considerável de professores. Tais características, ainda bastante presentes na atualidade, demonstra-nos que a Universidade precisa se ressignificar, a partir da busca de sua própria origem, isto é, ela precisa sobretudo Educar, com toda a abrangência que este termo nos permite compreender, nos campos da vida cotidiana.

Recentemente, tivemos uma louvável iniciativa governamental que sinaliza a busca de rupturas no distanciamento Escola/Universidade: a criação da CAPES básica, todavia, esta é apenas uma iniciativa, focada na Formação Docente, diante da necessidade de socializar os saberes acadêmicos, para além dos vigorosos muros que cercam real e virtualmente as Universidades.

2. Relato de uma experiência entre Escola e Universidades

Passaremos a relatar uma experiência em Letramento no Rio de Janeiro, desenvolvida a partir de uma parceria entre Escola e Universidades, intermediados por uma consultoria técnica. Neste relato, manteremos todos os atores envolvidos nesta experiência desidentificados, por uma questão ética.

Características:

- Instituição: Escolar
- Níveis de ensino: Educação Básica (2º ciclo do ensino fundamental e ensino médio)
- Tipo: Escola Pública
- Nome fantasia⁵: Escola Limites

Do caso: Apesar de os alunos da Escola Limites terem professores qualificados e experientes, a sua direção considerava que um grupo de alunos ainda não obtinha os resultados esperados. Para mu-

⁵ Como não iremos identificar o campo nem os participantes, então escolhemos nomes fantasia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

dar tal realidade, solicitou-se a uma consultoria externa o levantamento das necessidades específicas da escola. Com base em reuniões entre a consultoria, a direção e parte dos docentes, indicou-se a realização de um curso preparatório para os docentes da escola, na modalidade semipresencial.

A situação-problema: Notou-se que havia a necessidade de rever conceitos educacionais, estabelecer novas formas de interlocução docente-discente, para que as propostas de ensino e aprendizagem tivessem condições de atender a grande maioria de seus alunos.

- O público-alvo direto do curso foram os professores, que deveriam aderir ao curso.
- O público-alvo indireto foram os alunos que a partir da mudança de algumas atitudes docentes teriam outras possibilidades de aprender.
- Recorte do foco do trabalho: linguístico textual.
- Duração: 06 meses.

Foram preparados seis módulos de conteúdos focados no Letramento, com base na linguística textual.

Foram selecionados 04 tutores (uma doutora em Linguística Geral, duas doutoras em Estudos da Linguagem e um doutor em Linguística), sob a supervisão de uma Doutora em Linguística textual pela Unicamp. Todos os envolvidos, da parte da consultoria, eram professores universitários, além de serem ou terem sido professores da Educação Básica.

A instituição ofereceu infraestrutura para EAD, inclusive com profissionais de programação e *webdesign*, como também um diálogo constante com os seus pedagogos e orientadores

Os módulos tinham a previsão média de duração de um mês cada.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2.1. Metodologia de trabalho

Os inscrites foram divididos em 04 grupos aos cuidados de um tutor. Este, por sua vez, deveria estar disponível 20h por semana, o que seria verificado através dos relatórios da plataforma. É importante observar que o professor-cursista deveria participar ativamente do curso, além de desenvolver todas as suas atividades de trabalho.

Os tutores deveriam elaborar diários (web-portfolio) e manter-se em contato entre si, com a coordenação e supervisão. Eventualmente foram feitas reuniões entre os tutores, coordenação e supervisores.

2.2. Material didático

Os módulos foram elaborados por conteudistas externos (UNICAMP), por alguns dos tutores do curso, bem como pela coordenação do curso. Eles foram disponibilizados em formato carta e digital, não só na plataforma, mas também em CD.

Os módulos eram divididos em unidades e atividades.

2.3. Dos fatos diagnosticados:

2.3.1. Fatos negativos, dignos de readequações.

Desconsiderou-se ou pouco se valorizou a análise criteriosa das condições de ensino e aprendizagem de seus docentes, o que dificultou ou até mesmo impossibilitou aos professores-cursistas dar continuidade, com excelência, ao curso.

Muitos docentes manifestaram a sua surpresa em relação à quantidade de leituras e ao pouco tempo na execução das atividades propostas, principalmente quando tais atividades se voltavam para o campo de atuação dos professores-cursistas, ou seja, a Escola.

Alguns docentes necessitavam também de letramento para o manejo de ferramentas do *Windows*.

Divergências internas entre grupos de professores e chefias dificultaram a ambientação profícua para a realização das atividades.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A urgência na constatação de resultados tensionava tanto os professores-cursistas, quanto os tutores.

Faltou no ambiente escolar a infraestrutura necessária para que os professores-cursistas pudessem, em seus intervalos de aulas, atuar nos módulos.

Exigência ao tutor de estar disponível quase que integralmente para os cursistas.

A grande quantidade de leituras e atividades por módulos, a nosso ver, ao invés de seis meses, o curso se configurava como um curso de especialização *lato sensu* de 360h, i.é; um ano.

A compreensão da parte de alguns docentes que tinham, inclusive, doutorado que não deveriam se submeter a cursos deste tipo.

A pouca familiaridade sobre o papel da EAD.

2.3.2. Dos fatos positivos

Material didático de qualidade.

Grupo bem articulado.

Excelente suporte técnico-operacional;

Encontros presenciais sobre temas de grande relevância acadêmica.

Profissionais palestrantes do mais alto nível.

Web-design capaz de dar vida e movimento aos módulos.

Exíguo tempo para a maturação dos conhecimentos, numa perspectiva cognitiva.

Pouca valorização da formação continuada, por parte dos cursistas.

Necessidade de maior aproximação do tutor ao cursista no momento da realização da pesquisa-ação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

3. Conclusões

O trabalho proposto pela consultoria teve os objetivos de estimular os professores ao desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo na área de alfabetização e letramento, bem como direcionar o trabalho de investigação para que se compreenda e valorize mais e melhor o educando em suas complexidades, individualidades e potencialidades.

Como o foco dos estudos era alfabetização e letramento, os dois primeiros módulos foram ao encontro dessas duas temáticas. Assim, os seus títulos foram: módulo 1 – Letramento e fracasso escolar, Módulo 2 - Encarando as questões da alfabetização, do letramento e do fracasso escolar. Destaque-se que os dois módulos citados foram elaborados pela Professora Roxane Rojo, pessoa reconhecida pelos seus trabalhos nos temas citados.

Temos também de destacar a brilhante contribuição do pessoal técnico da Escola proponente, que envidou esforços e conseguiu dar vida ao material disponibilizado *on-line*.

O curso teve também vigorosos momentos presenciais, que contaram com a presença de pesquisadores da UNICAMP, uma das grandes universidades paulistas. Entre os palestrantes convidados, tivemos: Vânia Maria Elias, Roxane Rojo, Heitor, Vanderley Geraldi, Sírio Possenti e Evanildo Bechara, entre outros todos de grande vulto acadêmico.

3.1. Da ação

Iniciado em abril, o curso contou, naquele momento, com 40 docentes distribuídos por três tutores, aos quais indicou-se chamar de orientadores de aprendizagem, que objetivavam acompanhar os referidos docentes no desenvolvimento do curso, bem como provocá-los no concernente às suas práticas cotidianas. Esperava-se estabelecer uma ponte entre o olhar de fora e o olhar de dentro da Escola, para que, ao tencioná-la, pudesse haver uma mudança na prática pedagógica.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

3.2. Dos entraves

Contrariando as expectativas, não houve um retorno dinâmico dos docentes, ou por eles estarem ocupados com o calendário pedagógico do colégio, que é bastante rigoroso, ou por estarem ocupados com as suas vidas pessoais, conforme consta das justificativas que nos foram apresentadas, através da plataforma.

Da mesma sorte, foi a dificuldade apresentada pelos docentes no manejo do ambiente virtual de aprendizagem – AVA, visto que muitos deles não conheciam o essencial da plataforma *moodle*. Por tais motivos, os prazos, previamente estabelecidos para a execução das tarefas e para a finalização dos módulos, foram cada vez mais sendo estendidos, criando-se na plataforma um ambiente relacional entre orientadores e coordenadores com a ausência de parte dos cursistas.

Simultaneamente, parte da coordenação do projeto cobrava da coordenação acadêmica e de seus tutores resultados imediatos e efetivos na sala de aula da Escola.

3.3. Avaliação

Após os cinco meses no exercício da tutoria, chegou-se à seguinte avaliação do trabalho proposto:

A iniciativa com a proposição do Projeto foi bastante positiva.

A execução do projeto, através de uma parceria da Escola com professores universitários, era bastante proveitosa para todos.

Os descritores dos objetivos a serem alcançados apresentavam verbos e sintagmas não diagnosticáveis, tais como: transformar, deter conhecimento suficiente, entre outros, e tudo isso ao término de seis módulos.

Os módulos tiveram uma grande condensação de conteúdos e atividades, certamente, de difícil execução em tão curto período.

A excessiva possibilidade de entregar as tarefas em atraso acabou por criar uma grande permissibilidade, que descaracterizou a modalidade de ensino.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Aos docentes da Escola não foram oferecidas licenças, sequer parciais, para que eles pudessem, efetivamente, ler, estudar, refletir, aplicar, contestar, reformular, rediscutir, enfim, ressemiotizar a sua visão do universo escolar que compõem.

Desconsiderou-se que os estudos linguísticos necessitam de um tempo maior para serem reelaborados e aplicados.

3.4. Propostas

Urge rever e reavaliar todo o processo de aplicação do Projeto, através do curso proposto, não no que se refere à organização conteudística, mas em sua aplicação. O curso possui um vasto conteúdo, mas pouco espaço para a aplicação e discussão. O módulo da pesquisa-ação é o carro-chefe, que poderia ter sido um bom caminho para se alcançar as mudanças tão esperadas. Contudo, é necessário negociar os processos e produtos, tanto com os docentes, quanto com os discentes. A variedade de aprendizagem dos estudantes e de abordagem de ensino dos docentes poderá e deverá ter espaço para uma convivência salutar e proveitosa. Por outro lado, serão necessários investimentos em equipamentos de informática atualizados, para que os recursos desta área possam ser compartilhados pelos professores e alunos. Não é só o docente que poderá estudar compartilhando o seu saber com um orientador, os estudantes também devem ter acesso a uma orientação de estudo, inclusive no horário extraclasse. Além disso, a criação de um grupo de estudos permanente, em que se incluam docentes universitários e docentes da Escola, certamente, seria de grande proveito. Não há dúvidas de que a grande virada da Educação Nacional dar-se-á com a escola na universidade e a universidade na escola. Ambos os dois têm muito a contribuir e a trocar.

Não houve como atingir os objetivos propostos em seis meses, a não ser que se tivesse organizado os docentes em pequenos grupos, que estivessem licenciados integralmente das atividades escolares para fins de estudo, bem como se dispusessem a estudar e pesquisar, quase que em uma situação de imersão, por todo o período do trabalho de estudo e pesquisa em grupo. Ao término destes estudos e pesquisas, estes docentes, ao retornarem ao trabalho escolar propriamente dito, estabeleceriam uma rede de troca crítica dos con-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

teúdos e práticas com aqueles que permaneceram em serviço. O Curso proposto poderia ter ganhado uma perspectiva continuada, envolvendo os docentes da Escola em seu conjunto, independentemente de disciplina, para que eles viessem a ser os futuros mantenedores desta ação continuada. Sendo assim, ter-se-ia podido prever que o alicerce deste sólido monumento educacional teria precisado de dois anos para ser solidamente fundamentado.

No que se refere aos custos, sabemos que gestores têm pressa, mas a educação é um investimento de médio e longo prazo. A solução para a otimização de recursos é estabelecer parcerias. Não podemos perder de vista que o fruto deste investimento retornará com a formação plena dos estudantes, com a satisfação do já egrégio corpo docente desta Escola, como também do reconhecimento público, o que poderá ser obtido com os bons resultados alcançados.

Quanto aos orientadores excessiva flexibilidade na plataforma levou-os a um grande desânimo.

A interação inicial também teve percalços que foram, gentilmente, sinalizados pela responsável pela programação.

As características e as especificidades do Projeto proposto exige orientadores com alto perfil acadêmico e experiência profissional, o que *de per si* dá características bastante peculiares ao curso, que embora tenha sido oferecido na modalidade semipresencial, não é um curso a distância nos modelos convencionais, por isso, o tratamento, acompanhamento e investimento a ele oferecidos deveriam ter sido diferenciados. Assim, além de uma intervenção maior no *locus* objeto do curso, principalmente no momento da pesquisa-ação, teria sido também necessário um maior investimento na orientação.

Por fim, não podemos perder de vista que a questão do letramento ou dos letramentos possíveis é cada vez mais urgente no Brasil, no entanto, para que se possa alcançá-lo ou alcançá-los satisfatoriamente é necessário despir-se das certezas cristalizadas nas práticas docentes que nos são impostas e também daquelas que nos impomos no cotidiano, no afã de superarmos as mil e uma tarefas que pesam, e muito, nas costas dos professores brasileiros. Mesmo assim, com todas as dificuldades institucionais, que perpassam pela questão salarial, de *per si* extremamente grave e desestabilizadora, um dos gran-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

des desafios é o do letramento do professor, pois se ele desenvolver posturas de letramentos poderá multiplicá-las geometricamente pelos seus alunos. Isto será uma grande mudança de mentalidades.

BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- JANOTTI, Aldo. *Origens da universidade*. São Paulo: Edusp, 1992.
- KOCH, I. V. *Ler e compreender*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MENDONÇA, A. W. *Anísio Teixeira e a Universidade de Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- MORIN, E. *A cabeça bem feita – repensar a reforma reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PERRENOUD, P. *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- ROJO, R. *Práticas docentes em diálogo: pela emergência de novos letramentos na escola – Módulo 1*. In: _____. *Letramento e fracasso escolar*. Rio de Janeiro: Fundação Trompowsky, 2008.
- SOARES, M. B. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.